

*Discurso na cerimônia de assinatura
da autorização para construção de uma
usina a gás e início das obras do
Gasoduto Brasil–Argentina*

URUGUAIANA, RS, 16 DE OUTUBRO DE 1997

Meu caro amigo, e Governador do Rio Grande do Sul, Antonio Britto; Senhor Ministro de Estado de Minas e Energia, Raimundo Brito; Senhores Ministros aqui presentes, notadamente os nossos ministros gaúchos, que aqui estão, dos Transportes, de Minas e Energia e da Saúde; Senhor Vice-Governador Vicente Bogo; Senhores Deputados que aqui se encontram; Senhores Prefeitos; Vereadores; Deputados estaduais; Senhor Prefeito de Uruguaiana, João Antonio Bonoto; Senhor Joel Rennó, que é o Presidente da Petrobras; Senhores Empresários; Senhoras e Senhores,

Começo por agradecer. O Governador Britto, com a eloquência que o caracteriza, com a força e a sinceridade das palavras dele, agradeceu ao Governo Federal. Quem tem de agradecer, hoje, sou eu. Primeiro, a este povo de Uruguaiana. A esta gente, que eu sei das imensas dificuldades com que vem enfrentando, com galhardia, a vida.

Ainda há pouco, passando pela ponte, na lateral que dava acesso à ponte, via-se uma parte da cidade inundada. Que as minhas primeiras palavras sejam, portanto, de solidariedade. Por aqueles que estão sofrendo. Aqueles que, sem terem recursos – e eu vi, quando passava de

carro –, uma casa já um pouco inundada, e os habitantes ainda lá. E ainda tiveram a gentileza de saudar-me, quando deviam estar despedidos pelo que estava acontecendo.

Entenderam que é uma fatalidade da natureza e não deixaram de dar um sinal. Quem sabe eu pudesse olhar por eles; quem sabe nós pudéssemos, juntos, Governador, olhar por eles. E eu proponho que, depois deste encontro, passemos lá, para darmos um abraço fraternal, direto e pessoal.

Mas eu saúdo, também, este povo que aqui está, na praça. Há aqueles que são de Uruguaiana, que são da metade sul do Rio Grande, que são gaúchos. Sem esquecer das placas que vejo, ali adiante, para me fazer recordar que Alegrete também é parte desta metade, e que Alegrete também merece, de nossa parte, a consideração. E vamos ter essa consideração, como sempre temos, com todo o Rio Grande.

Também, embora esteja um pouquinho mais longe, não quero me esquecer dos que vivem em São Borja. E quero lhes dizer que o edital de construção da estrada, de restauração da estrada, já foi feito. E, questão de mais dia, menos dia, estaremos com essa estrada restaurada para permitir que haja o mínimo de decência no transporte das pessoas e das mercadorias, nesta região.

Mas eu quero lhes dizer – ao agradecer, mais uma vez, a recepção, o calor do povo – que, poucas vezes, o Rio Grande teve um Governador que tivesse batalhado tanto por sua terra e por sua gente, como o Governador Antonio Britto. Eu e o Rio Grande agradecemos ao Britto. Agradecemos a um Governador que teve a coragem de tomar decisões duras. Porque recebeu um Estado que não tinha condições financeiras que lhe permitisse olhar adiante.

E, portanto, primeiro, o Governador teve que fazer aquilo que todo homem público decente faz: cortar. Não há nada mais triste, mais desesperador, do que dizer “não”, do que cortar recursos. Mas, se não fizer isso, apenas prorroga o sofrimento do povo, apenas contenta, momentaneamente, para, mais adiante, criar uma dificuldade grande, para gerações futuras. E mesmo para os que estão coetâneos, porque é questão de mais dia, menos dia, do jeito que o Estado vinha vindo, seria impossível governá-lo.

Hoje, o Rio Grande voltou à tona. Hoje, o Rio Grande não apenas tem montadora de automóveis. E o Rio Grande vai agradecer ao Britto, para sempre, ter conquistado essas montadoras de automóveis aqui. Só os que não sabem os benefícios trazidos por elas podem ter dúvidas sobre a importância do ato.

Mas, é mais do que isso. Nós estamos recriando as condições para uma prosperidade mais estável, do povo gaúcho.

Ali há uma placa que diz: “A energia é real, Presidente.” Pois bem, eu sei da importância do Real para o cotidiano dos brasileiros. Nós todos sabemos o que custou – e o Britto era Ministro, quando eu era Ministro da Fazenda – o que nos custou para reconstruir as bases mínimas de solidez da nossa moeda.

Mas a moeda é instrumento. Ela é símbolo, também. Ela é símbolo de dignidade de um povo, ela é símbolo da decência. Porque, quando uma moeda não tem valor, o trabalho não vale nada. Porque o pagamento que alguém recebe, em poucos dias desaparece. Mas ela é um instrumento, ela é meio para fazer-se alguma coisa mais estável.

E essas coisas mais estáveis são as coisas que nós estamos começando a fazer agora, e que aparece aqui, hoje, sob a forma de uma energia. Energia que é a do gás, que vem da Argentina, e que vai gerar, aqui, energia elétrica para mover motores e dar empregos, criar fábricas. E é isso que conta.

E eu quero recordar – e aqui está uma testemunha, que eu já chamei várias vezes à colação, que é o Presidente da Petrobras, Joel Rennó. Quando fui Ministro de Relações Exteriores, em 93, nós não comprávamos um litro de óleo, um litro de gasolina da Argentina, de petróleo. Nós não tínhamos nada de gás.

Hoje, nós importamos da Argentina 1 bilhão de dólares, de petróleo. Hoje, nós estamos trazendo da Venezuela 600 milhões de dólares de petróleo. Hoje, o gasoduto da Bolívia já está em construção, trazendo o gás da Bolívia, que vai passar em São Paulo, vai descer em Curitiba e vai chegar a Porto Alegre. E agora se completa com o anel que nós faremos, também, com o gás que vem de Rosário, na Argentina, vem para Uruguiana e vai fechar com o gasoduto que estará lá, em Porto Alegre. E nós

vamos ter energia limpa, energia barata. Vamos ter geração de emprego. São apenas 4 anos. Foi em 93 que começamos. Dentro de poucos anos mais, esse Brasil será outro país. Muito mais confiante em si, muito mais forte para os seus filhos, muito mais capaz de gerar empregos, muito mais capaz de dar acesso à educação e de dar uma saúde melhor.

Nós temos que voltar, como estamos voltando, a acreditar no Brasil. E por que nós acreditamos no Brasil? Ainda esses dias, nas conversas que mantive com o Presidente dos Estados Unidos, o Presidente Clinton, foi possível mostrar que nós aqui vamos continuar, sim, com o Mercosul, porque o Mercosul é base de nossa prosperidade e nós vamos fazê-lo com tranquilidade e não temeremos, no futuro, alargar as nossas vistas para competir no nível do hemisfério, para competir na Europa e na Ásia. Hoje, o Brasil acredita nele, tem condições de ir para frente.

Sabemos das nossas dificuldades. O Governador Britto acabou de mencionar algumas. Sabemos que é muito complicado fazer que um país todo se reorganize, mas nós, hoje, temos horizonte. Nós, hoje, antevemos o futuro. Nós, hoje, somos capazes de coordenar as nossas forças. E me alegra, Governador, ao ver aqui uma placa que é do PSDB, ver outra que é do PMDB, ver outra que é do PPB, ver outra que é do PTB, e por aí vai. Outra que é do PFL, porque nós, hoje, somos uma só coisa. Nós somos brasileiros. Nós queremos os nossos partidos a serviço do Brasil e não da intriga, e não da separação entre os brasileiros, e não de dificultar a tomada de decisões, que são decisões boas e necessárias para o povo do Brasil. É um outro espírito. É um espírito daquelas que confiam realmente neste país.

Aqui, em Uruguaiana, hoje, nós estamos, como disse o Governador, começando uma retomada da metade sul. Mas tenho confiança no Rio Grande todo. Então, com tempo mais, teremos Candiota III. Daqui a pouco, Machadinho vai funcionar; Itá vai funcionar. Haverá energia do Rio Grande, e, se aquela placa ali diz que essa unidade de Uruguaiana vai gerar 29% a mais de energia instalada no Rio Grande, imagine quando nós tivermos Itá, quando nós tivermos Candiota, quando nós tivermos Jacuí, tudo isso junto funcionando. É questão de mais dia, menos dia. Há a condição de nós perseverarmos. Há a condição de nós

não nos perdermos no caminho. Há a condição de nós nos unirmos, como estamos unidos, pelo ideal maior que é o ideal de um Brasil capaz de ser um Brasil digno desse povo.

E quando nós tivermos, como estamos tendo, este caminho traçado, não vamos nos esquecer, Governador, da agricultura. Nem da pecuária. E o Governador Britto sabe, porque ele mesmo participou do que está fazendo, que nós estamos tendo condições de reabrir muitas funções. Em Alegrete, em Bagé, na sua terra, em Livramento, nós estamos, outra vez, com condições de abater o gado. E não é só de abater, não é apenas que nós estamos com os frigoríficos recomeçando, é que nós estamos fazendo isso dentro uma nova mentalidade. Nós queremos, sim, o abate com o gado de 2 anos de idade, com a carcaça unificada, padronizada. Nós queremos uma nova qualidade da nossa pecuária. E é só sobrevoar essas terras – como hoje fiz e ainda estou com os trajes que estava numa manobra militar no meio do Rio Grande – para perceber que isto aqui é um verdadeiro paraíso para a pecuária. Depende é de nós reconstruirmos as bases da pecuária gaúcha, dessa metade sul continuar sendo orgulho no Brasil na produção de carne.

E nós não nos esqueceremos, e os Ministros da Agricultura e da Saúde também, porque, hoje, todos, de olho nisso, estão aqui me soprando que nós não vamos nos esquecer das exportações. Exportação da carne, mas também dos nossos produtos agrícolas.

Quando eu fui Ministro da Fazenda em 1993, 1994, a inflação que, os senhores sabem, as senhoras sabem, as donas de casa sabem, era de 20, 30, chegou a 40% num mês, num mês. Naquela ocasião, quem podia imaginar o que seria o financiamento agrícola? Quantos grupos de agricultores eu recebi e ninguém se entendia. 95, uma dívida agrícola imensa. Planos e mais planos, todos dando errado e caindo no ombro do povo. Todos. Não se via solução. Em certo momento, nas cooperativas lá do Paraná, em reuniões com os agricultores, eu comentei – e depois fiz assim com os dedos, meus Deus, será que vamos conseguir? – que nós íamos acabar com as TRs, com aquele inferno que era a vida do agricultor; os juros subiam numa carreira desabalada e não se sabia como estancar aquela sangria incessante.

Pois bem, com muita dificuldade, com o apoio de muitos parlamentares, alguns aqui presentes, renegociamos a dívida agrícola. Ainda ontem, de novo, o Conselho Monetário prorrogou a negociação da dívida, porque o agricultor não pode ainda pagar, em certas circunstâncias. Baixamos a taxa de juros.

Eu me recordo de que, no meu gabinete, já então Presidente da República – não sei se o Deputado Nader estava presente –, eu fiz uma aposta, uma aposta difícil, porque o setor financeiro do Governo não estava de acordo: eu disse que a taxa de juros ia ser menor do que eles tinham estipulado. Creio que era 16% e mais a correção. Pois bem, depois, passamos a 16% sem correção, a 12% sem correção, 12,5%. Agora está a 9,5%. E para o agricultor do Pronaf é de 6,5%. E, agora, fizemos, ontem, um rebate ainda por cima para o agricultor que tem terra – não é sem-terra – e que não tem recurso. É justo dar para o sem-terra, mas mais justo ainda é dar para quem tem terra, está trabalhando, precisa do recurso para avançar, para cultivar a terra, para manter a sua família.

É isso que nós estamos chamando agora de o Pronaf dos pobres. A pessoa que tem o seu pedacinho de terra e que não tem um financiamento. O que não tem terra, nós já temos – e é preciso continuar tendo – o financiamento. Mas por que não dar também para quem tem? Pois começamos a dar. E esse programa, que nasceu neste Governo, que atendia, no primeiro ano, a 20, 30 mil pessoas, o Pronaf, agora tem condições de atender a 500 mil famílias.

Estamos começando a fazer renascer essa nossa agricultura. O Ministro da Agricultura, que aqui está presente, é mineiro, mas entende do Sul também. E sabe que nós temos todas as condições para manter uma safra agrícola, de grãos, especialmente, em condições razoáveis. Chegamos a 80 milhões de toneladas. Mas o que é isso? O que são 80 milhões de toneladas para esses milhões de hectares de terras agricultáveis de que o Brasil dispõe? Temos que olhar com mais força que nós temos, num período razoável – porque não somos demagogos –, condições físicas para dobrar essa produção. Não vamos dobrar de um ano para o outro, porque isso é mentira e eu não sou demagogo. Mas, se nós tivermos persistência, temos condições de avançar e de dobrar.

Veza por outra, o clima não ajuda. Veza por outra, o clima, enfim, poderá beneficiar, tomara que sim, o arroseiro e talvez prejudique um pouco o plantador de trigo. Mas no conjunto, se nós tivermos uma política agrícola estável, se o agricultor acreditar que o Governo não vai tirar o tapete dele, vai plantar, e, se plantar, se melhorar a produtividade – nós temos todas as condições para isso, temos uma Embrapa, que é uma empresa extraordinária, que dá sustentação ao agricultor, e nunca houve tantos recursos para a Embrapa como neste ano –, se nós tivermos persistência nos nossos objetivos, vamos chegar a essas grandes colheitas, que vão permitir a este Brasil avançar, e avançar cada vez mais.

É este o Brasil que começa a ser possível, não digo sonhar, mas entrever. Podemos sonhar com um Brasil ainda melhor, porque ainda estamos longe de dar condições de educação para as nossas crianças. Lançamos um programa que vai ter impacto. E, ainda ontem, recebi, para almoçar no Palácio da Alvorada, um grupo de 50 professoras primárias, porque a base da educação é a escola primária. Lançamos um programa de que toda criança tem que estar na escola. Esse é um desafio. Não é um programa do Governo Federal. É um desafio ao povo do Brasil, aos pais, às mães, àqueles que podem ajudar, ao prefeito, ao governador, ao diretor da escola, ao secretário municipal, estadual, ao Ministro da Educação, que, aliás, também é gaúcho. Fico até com medo de tanto gaúcho no Governo. Vão pensar que eu também sou. Já andei pilchado por aí. Daqui a pouco...

O fato é que nós, hoje, temos condições de antever um programa em que toda criança brasileira vá para a escola. Mas ainda não está na escola. Ainda há muita evasão escolar. E o Ministro da Saúde sabe que as condições de saúde ainda são muito precárias no Brasil. E se, eventualmente, no Rio Grande, ainda temos condições um pouco melhores, sobretudo no que diz respeito à taxa de mortalidade infantil, é só ir para o interior do Nordeste ou lá para a Amazônia, para verificar que estamos muito longe, ainda, de termos um país de que possamos dizer, com tranquilidade, que este é o país dos nossos sonhos. Não é. Nosso sonho está mais longe, é mais generoso. Queremos um país melhor. Mas, hoje, nós podemos, como eu dizia, antever esse sonho como um começo de realidade.

Aqui estamos antevendo aquilo que foi o sonho do Governador Britto e meu: que a metade sul do Rio Grande, realmente, tenha condições de prosperidade. Essa antevisão começa a ser verdade quanto ao gás cruzar o rio e chegar até este lado de cá; começa a ser verdade com as medidas já tomadas, como eu disse, na questão da agricultura; começa a ser verdade com o fato de nós termos, hoje, uma moeda estável. Mas eu acho que é preciso muito mais para que ela seja, realmente, verdade.

E, se eu comecei agradecendo ao povo de Uruguaiiana, se eu enalteci, e com razão e até com pouca proporção, a coragem do Governador Britto, a capacidade dele, se eu agradeço, como faço agora, aos ministros, aos dirigentes das grandes autarquias, aos empresários que acreditam em nós, brasileiros ou de outros países, mas que acreditam em nós e que aqui estão para nos ajudar, se eu acho que tudo isso é devido, termino pedindo, mais do que agradecendo, pedindo que nós todos redobremos o nosso esforço, que nós todos, por amor a Uruguaiiana, por amor ao Rio Grande, por amor ao Brasil, por amor ao Mercosul e aos nossos vizinhos da Argentina, que trabalhemos ainda mais, que nós nos dediquemos ainda mais, que possamos fazer ainda mais aquilo que é necessário, porque esse povo brasileiro é bom, ele merece mais de cada um de nós. E ele merece que nós o façamos não apenas com energia, não apenas com a visão, não apenas com o nosso espírito, mas que façamos, também, com o nosso coração, que nós nos sintamos unidos a esse grande povo brasileiro.

Eu me sinto unido ao povo de Uruguaiiana. Eu me sinto unido ao povo do Rio Grande. E podem ter certeza de que o Presidente da República fará o que puder, tudo o que puder para ver a metade sul do Rio Grande cada vez melhor.

Muito obrigado a vocês.